

ENSINO “SUPERIOR”: PAULO FREIRE E A AUTENTICIDADE

Mauro Sérgio de Carvalho Tomaz
msctomaz@hotmail.com

No primeiro capítulo de *Pedagogia da autonomia*, intitulado *Não há docência sem discência*, Paulo Freire nos ensina que “quando vivemos a autenticidade exigida pela prática de ensinar-aprender participamos de uma experiência total, diretiva, política, ideológica, gnosiológica, pedagógica, estética e ética, em que a boniteza deve achar-se de mãos dadas com a decência e a seriedade” (FREIRE, 2007, p. 24). Isso significa que todo trabalho educacional, tanto por parte do professor, quanto por parte do aluno, deve ser uma lida autêntica, repleta de sentido.

Dessa maneira, a perspectiva de uma educação autêntica nos leva a questionar os modos tradicionais de ensino, denominados por Freire de “bancarismo”, pois essa maneira de compreender a educação não considera o sujeito discente como autônomo e construtor de sua própria educação, além de compreender o docente como um transmissor de conteúdo, ambos envolvidos em um sistema que preza pelo cientificismo, consolidado no século XIX e que atingiu seu auge no século XX com correntes filosóficas características, como é o caso do Positivismo. Essa forma de encarar a educação, ao estabelecer-se ao longo dos últimos séculos, trouxe uma série de problemas para a educação, em especial para a Universidade, sítio privilegiado de produção científica, cujo papel social classifica-se como sendo de muitíssima responsabilidade.

Assim, parece que, hoje, talvez a Universidade brasileira seja uma instituição *radicalmente inautêntica*. Acreditamos que para enxergar essa inautenticidade basta conhecer sua organização interna. Nossa instituição de ensino superior é fragmentada não em pedaços, mas em *partidos*. Foca-se tão obcecadamente no conteúdo, que obriga profissionais a se ausentar de *ambiente tão nocivo*, para cuidar da saúde *em outro lugar*. Vende sua alma de tal maneira ao demônio de Narciso que um *sobrenome se torna adjetivo*.

A nosso ver, uma instituição com essas características está longe de ser “superior”. A superioridade da instituição de ensino que denominamos “universidade”, deveria, em primeiro lugar, fazer-se encontrar na excelência de sua atuação. Excelência que só pode existir se a autenticidade – ou compromisso moral – for o princípio norteador de conduta, como propõe Paulo Freire. Só assim, a Universidade poderia ser, de fato, superior, pois seria, nada menos, que um exemplo.